

JÓ

Nunca quiseste: nem muito nem parte. Nunca foste tu: nem dona nem senhora. Sempre ficaste entre o meio e a metade. Nunca passaste de meios caminhos, meios desejos, meia saudade. Daí o teu nome: Maria Metade. Se ao menos te tivesse calhado um homem completo, uma pessoa acabada. Mas não, coube-te a metade de um homem. Diz-se na gíria: a minha cara-metade. Pois ele, nem teu nem cara.

Ao teu esposo chamavam Seis. Desde nascença que nunca ascendeu a pessoa. Em vez de nome puseram-lhe um número. O algarismo dizia toda a sua vida: largava às seis, retomava às seis. Seis irmãos, todos falecidos. Seis empregos, todos perdidos. E acrescento um segredo: seis amantes, todas actuais.

Das poucas vezes que falou contigo, nunca para ti olhou. Estás ainda por sentir os seus olhos pousarem em ti. Nem quando lhe pediste, num momento de amor, que te desaguasse uma atenção. Retorquiu:

- Tenho mais onde gastar o meu tempo.

Certa vez, engravidaste. Mas foi semiprenhez: desconcebeste em meio tempo, meio sonho, meia esperança. Depois do aborto, reduzida a ninguém, o teu sofrer foi ainda maior. Sendo metade, sofria a dobrar.

Querem estes senhores que relates o sucedido. Mas tu não confias a verdade a ninguém. A verdade é luxo de rico. A vós, menores de existência, resta-vos a mentira. És pequena: a tua força vem da mentira. A tua força é uma mentira.

Por isso mentes até a Deus. Sim, mentes-Lhe a Ele. Afinal, Deus trata-te como o teu marido: um nunca te olha, o Outro nunca te vê.

Agora, aquilo a que aspiras é a ficar na sombra perpétua. Condenada pelo crime maior de teres apunhalado o teu marido, esse a quem prestaste juramento de eternidade. É por causa desse crime que estás aqui, não é assim?

Mas aqui, nesta prisão, já não sofres tanto quanto sofrias antes. É que aqui acabas por sair mais do que lá na tua terra natal.

E onde vais? Sais pelo pé do teu pensamento. Por via da lembrança, regressas ao Cine Olympia, na tua cidade de outros tempos. Sim, porque depois de matar o Seis voltaste a ganhar acesso às tuas lembranças. E assim cada noite voltas à matiné das quatro da tua meninice. Não entravas no cinema, que te estava interdito. Tinhas o rosto errado, a idade errada, a vida errada. Mas ficavas no outro lado do passeio, a assistir ao riso dos alheios. Era lá que sonhavas. Não sonhavas ser feliz, que isso era demasiado para ti: sonhavas para te sentires longínqua.

Depois regressavas a casa, a horas, mas entravas em casa pelas traseiras para não chorares diante dos olhos sofridos da tua mãe. Depois voltavas a sair do quarto, olhos recompostos, fingindo uma alegriazita. A tua mãe apercebia-se do teu estado de desembrulho sem prenda. E aconselhava-te:

- *Sonha com cuidado, Mariazita...*

SANDRA

- ... *Não te esqueças, tu és pobre. E um pobre não sonha tudo, nem sonha depressa.*

A vantagem da prisão é que todos os dias são domingo, todas as horas são de matiné das quatro.

Pouco restou da minha cidadezinha. Onde era terra sem gente ficou gente sem terra. Onde havia um rosto, hoje há poeira. Nem a chuva tem onde repousar. E a cidade foi-se assemelhando a todas as outras. A única memória que me resta é a migalha de um tempo, o único tempo que me deu sonhos. Sob a vigilância da minha velha mãe, eu cuidava de não sonhar tudo, nem depressa. Ainda que fossem metades de sonhos, esses pedaços ainda me adoçam o sono, aqui deitada no frio da cela.

Os senhores não estão aqui por mim, mas pela minha história. Isso eu sei. Querem saber como sucedeu?

Foi numa tarde de cinza, daquelas em que o céu desce abaixo das nuvens. Eu pretendia revirar a página de um livro despedaçado: descosturar-me desse Seis, o meu marido. Queria ver-me separada dele para sempre, até a morte nos perder de vista. Até não ser possível morrermos mais.

Fui recebê-lo à porta, a roupa meia abotoada, o punhal escondido na minha mão. Chovia de lavar o céu. Brinquei, provoquei, mostrei o cinto distraído, desapertado. Provoquei com o perfume que a minha vizinha me emprestou.

- *Queres-me molhada pela chuva* – disse eu.

- *Quero-te é mais molhada que a chuva* – respondeu ele.

Então, quase derrapei na minha decisão: é que pela primeira vez o meu marido olhou para mim. O seu rosto emoldurou-se e é esse o único retrato que guardo comigo. Mas o gesto já estava fadado na minha mão e, num abrir e fechar de olhos, o meu Seis, que Deus o tenha, o meu Seis estava no chão, decorado com sangue.

Relatei-vos o sucedido, tudo da minha autoria. Mas não confesso um crime, senhores. Não. Afinal, não fui eu que lhe tirei vida. A vida, a bem dizer, já não estava nele. O que sucedeu, sim, foi ele tombar sobre o punhal, tropeçando na sua bebedeira. Não o matei. E disso tenho pena. Porque esse assassinato me faria sentir inteira. Por agora, prossigo metade, meio culpada, meio desculpada. Por isso vos peço: ajudem-me numa mentira que me dê a autoria da culpa. Uma culpa inteira, uma razão inteira para ser condenada. Por maior que seja a pena, não haverá castigo maior que a vida que já cumpri. E agora, por amor dessa mentirosa lembrança, abra-se a porta do Cine Olympia. Para eu finalmente espreitar essa luz que vem de trás da máquina de projectar, mas que nos surge sempre pela frente. Já se vê, ali na tela, o meu homem, esse a quem chamam Seis. Veem como ele agora está a olhar para mim no escurinho da sala? Só para mim, só para mim, só.